



LÍNGUA: INSTRUMENTO DE EXCLUSÃO E INCLUSÃO SOCIAIS¹

LANGUAGE: INSTRUMENT OF EXCLUSION AND INCLUSION

Mirian Ribeiro de Oliveira²

RESUMO: Este artigo pretende analisar, sucintamente, o caminho percorrido pelos estudos lingüísticos, *da Língua ao Discurso*, evidenciando o quanto a língua se tornou um instrumento de inclusão e exclusão sociais. E, por esta ótica, para elucidar a trajetória trilhada pela língua, o *Corpus* do trabalho foi constituído pelos estudos da Lingüística do Século XX - Saussure, Chomsky e Bakhtin – destacando os primeiros como principais responsáveis pelo caráter excludente da língua, ao desconsiderarem a fala e as várias possibilidades de realização da língua, bem como as presenças do sujeito enunciator e do sentido; e o último pela inclusão, presença de sentidos, eminentemente ideológicos, históricos e sociais, um lugar de interação, portanto.

Palavras-chave: língua, signo, fala, sentido, sujeito e discurso.

ABSTRACT: This article tries to clearly analyze the way driven by the linguistic studies of language and discourse showing how much language has become an instrument of social inclusion and exclusion. Through this optic, in order to elucidate the route taken by language, the body of this work was built based on the 20th Century Linguistic study of Saussure, Chomsky e Bakhtin. It is important to call attention to the first linguists mentioned above as major proponents of the excluding face of language. It happened because they did not consider the importance of speech and other functions of language as well as the presence of the enunciator and the meaning of the subject. Bakhtin, on the other hand, is responsible for the inclusion, the presence of meanings, ideological, historical and social eminence; therefore, a place of interaction.

Key-words: language, sign, speech, meaning, subject and discourse.

Sem desmerecer os estudos que o antecederam, especialmente o do Século XIX, marcado pelas grandes descobertas dos comparativistas, entre eles Friedrich Diez e Jacob Grimm, o Século XX é, sem dúvida, um período que marca os estudos lingüísticos. Há nesse ínterim um grande divisor de águas: de um lado, Ferdinand Saussure, o grande lingüista de todos os tempos, responsável, entre outros aspectos, pela instituição da Lingüística enquanto ciência; de outro, Bakhtin – aquele que dá á língua um caráter interativo-social.

Em se tratando de Lingüística, é indubitável o mérito dado a Ferdinand Saussure. Isto porque, coube a ele, e a nenhum outro, o fato de tê-la colocado no universo científico, tendo a

¹ Artigo apresentado no III simpósio internacional sobre análise do discurso: emoções, ethos e argumentação – UFMG. olivermirian@yahoo.com.br

² Doutoranda em Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-mail:



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

língua como seu objeto de estudo. Assim, a língua passou a ser vista sob um prisma estrutural, possuidora de uma estrutura interna, fator primordial dos estudos lingüísticos, competindo à fala um lugar secundário.

Sob essa ótica, Saussure estabelece uma de suas maiores dicotomias: *langue/parole* – a primeira está para língua e a segunda para fala. O que é fato na *langue* está no campo social; o que é fato na *parole* situa-se na esfera individual. Grosso modo, são três as concepções que podem ser depreendidas da *langue*: acervo lingüístico, instituição social, e realidade sistemática e funcional (SAUSSURE, 2000). A primeira é uma espécie de arquivo, ou conjunto de hábitos lingüísticos que faz com que uma pessoa compreenda e se faça compreender – “é uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (SAUSSURE, op. cit. p. 21). Enquanto acervo, além disso, guarda consigo toda experiência acumulada por um povo durante a sua existência; quanto à segunda, a *langue* não estaria completa em nenhum indivíduo, pois só na massa ela existe de modo completo. É a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo que, por si só, não a modifica ou a cria, uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade. Em relação à última – realidade sistemática e funcional, a *langue* possui um caráter homogêneo, um sistema de signos que exprimem idéias, “um conjunto de signos distintos correspondentes a idéias distintas” (SAUSSURE, op. cit. p. 18).

Sendo a língua uma convenção social, a *parole* é individual, multifacetada e heterogênea, mais precisamente, o lado executivo da linguagem. Logo, para o mestre genebriano, a *parole* é a própria *langue* em ação *energéia* (atividade) e não *érgon* (o produto).

Vale ressaltar, todavia, que esta visão de Saussure não é aleatória a seu tempo. Ele conseguiu captar o espírito da época, vez que se mostra eminentemente influenciado pelos positivistas como Durkheim. Sucintamente, este pensador foi um dos responsáveis pelo estabelecimento de um padrão social, onde a sociedade era possuidora de uma força coercitiva exterior ao indivíduo, e quem se desviava desse padrão era considerado anômico, ou seja, fugia ao preestabelecido. O indivíduo pouco ou nada poderia fazer diante da eminência da sociedade sobre o modo de pensar e viver. A sociedade, destarte, estabelecia padrões que zelavam pela manutenção do que estava posto, tomando como pressuposto básico a concepção de que os fatos sociais são coisas e, como tais, exteriores ao indivíduo (DURKHEIM, 2003). Daí, a concepção dicotômica de social/individual.



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

Somado a isso, muitas outras dicotomias saussureanas marcaram os estudos lingüísticos. Entre elas, Significante/Significado, Sistema/Não-Sistema, Eixos Paradigmático/Sintagmático, Forma/Substância, e a tão famosa e signficante Sincronia/Diacronia.

Dessa forma, Saussure destaca o signo como entidade preponderante, dando às relações internas um caráter definidor para a língua. Sendo esta constituída de signos, estes se definem pelas relações que têm entre si. Está instituído, assim, o primado da estrutura interna da língua. O que interessa é a língua enquanto sistema descritivo.

É importante lembrar que Saussure batizou um dos paradigmas do Século XX, denominado de Estruturalismo, tendo em vista, primordialmente, a concepção de língua enquanto estrutura. Por conta dessa visão estrutural, muitos outros pensadores foram influenciados, levando a Lingüística a dialogar com outras importantes áreas como as Ciências Sociais.

Diante desse breve apanhado sobre os estudos saussureanos, sem a pretensão de negar os grandes feitos de Saussure, pois, caso seu crivo teórico-metodológico não fosse profícuo, talvez, ainda tivéssemos vagueando atrás de um método, é perceptível, todavia, uma visão reducionista de língua. Isto porque, ao desconsiderar o que é exterior à língua, Saussure deixa uma enorme lacuna entre língua e seio histórico-ideológico-cultural, como se a primeira fosse estanque aos demais.

Conforme Guimarães (2005, p.19), “o corte saussureano é a “culminância” bem sucedida teoricamente de uma história de exclusão do mundo, do sujeito, por tratar a linguagem como um percurso só interno: a linguagem expressa o pensamento”. E o mais agravante está no fato de a fala ter sido relegada a um plano inferior, com um ínfimo valor de aspecto individual ao indivíduo que também não é sujeito. Foram inúmeros os prejuízos oriundos dessa visão de língua que se tornou uma das concepções primordiais, especialmente ao ensino de língua portuguesa. Desencadeando, inclusive, o uso preponderante de uma gramática denominada de tradicional, que exacerba a instituição de um padrão lingüístico, uma verdadeira norma culta da língua.

Com esta imposição a um padrão, com a ascensão de uma, a língua, e declínio de outra, a fala, torna-se relevante lembrar o que Foucault (1996, p. 20) enfatiza sobre o controle social acerca das palavras, dos discursos:



Depois de os jogos e o comércio dos sofistas terem sido excluídos, depois de, com maior ou menor segurança, se terem anulado os seus paradoxos, parece que o pensamento ocidental esteve sempre de guarda para que o discurso ocupasse o mais pequeno espaço possível entre o pensamento e a palavra; esteve de guarda para que esse discorrer entre pensar e falar surgisse apenas como um certo legado; **um pensamento que estaria revestido com os seus signos e que se tornaria visível pelas palavras, ou seriam as próprias estruturas da língua em ação, inversamente, que produziriam um efeito de sentido** (GRIFO NOSSO).

Dessa forma, fica evidente o quanto a língua, pelo corte saussureano, se torna um instrumento de exclusão social. Ao desprezar a fala, o que é exterior à língua, Saussure, além disso, ignora o fato de que a mesma se realiza de diversas maneiras, e não estamos falando dos tipos de idiomas, mas das possibilidades de realização de uma mesma língua, ou seja, da diversidade lingüística. Talvez, por conta dessa visão reducionista, a Sociolingüística³ tenha demorado a aparecer no âmbito da lingüística, dando a fala o valor que lhe cabe.

Guimarães (id.) ressalta, ainda, que, por muito tempo, o sentido, bem como a presença do sujeito que enuncia foram relegados a um plano, quiçá, secundário:

O corte saussureano exclui o referente, o mundo, o sujeito, a história. A Semântica de nosso século vem procurando repor estes aspectos no seu objeto. O corte saussureano exclui e dá o quadro de pertinência para o excluído. A questão é como incluí-lo. E isto só pode se dar a partir deste mesmo corte, que ao formular-se escapa da hipótese de que a língua expressa o pensamento, pois o signo de Saussure (lembrar o conceito de valor) não admite um pensamento noutra lugar que se expresse pela linguagem (GUIMARÃES, 2005, p. 20).

Nesse ínterim que vai da língua ao discurso, não se pode ignorar que outros grandes nomes marcaram a lingüística do Século XX, contribuindo sobremaneira aos estudos lingüísticos. Entre eles, encontra-se aquele que ficou conhecido como gerativista: trata-se do matemático e lingüista Noam Chomsky. A terminologia gerativismo é oriunda da matemática – gerativo (gerar, geração), refere-se à capacidade de uma gramática em definir um conjunto de sentenças gramaticais de uma língua. Tecnicamente, uma gramática gerativa é um conjunto de regras formais que projeta um conjunto finito de sentenças que constituem a língua como um todo. E isto é feito de maneira explícita, atribuindo a cada sentença uma série de descrições estruturais. Chomsky, portanto, foi o responsável pela chamada gramática gerativo-transformacional.

³ Ver TARALO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Cortez, 2004.



Somado a isso, sua literatura foi marcada por famosas dicotomias. Entre elas aquela que mais ganhou destaque: Competência e Desempenho, língua e fala respectivamente. A primeira se tornou ponto de partida para muitas outras possibilidades contemporâneas, gerando discussões inúmeras, nas mais diversas áreas, especialmente a educação.

Logo, as contribuições de Chomsky foram cruciais para os estudos da língua. Entretanto, ao pensar numa comunidade ideal, para um falante também ideal, a ótica chomskyana limitou-se por não enxergar outras possibilidades de realização da língua e tampouco a existência dos sentidos e do sujeito. O que desencadeia, também, uma visão de língua excludente.

A primeira vista pode parecer estranho, mas um dos grandes expoentes da Lingüística do Século XX, assim como o primeiro, também tomou o signo como referência, fator preponderante para explicitar sua teoria. Se aquele é considerado o pai da Lingüística, a este cabe o mesmo nome substantivo quanto ao Discurso. É de Bakhtin que se fala neste momento.

Todavia, faz-se necessário ressaltar que, anterior ao pensamento de Bakhtin, muitas águas jorraram pelo canal denominado de Análise do Discurso (AD). De origem francesa, este projeto se inscreve no seio de embates políticos e, intrinsecamente ligado a ele, estava a Lingüística e dois grandes nomes: Jean Dubois e M. Pêcheux., lingüista e filósofo respectivamente. O último, de maneira eminente, marcou a nova disciplina. Isto porque, conforme Mussalim (2001), desenvolve um pensamento crítico sobre a Lingüística, apoiado na visão filosófica do estruturalista Althusser, o que exigia uma ruptura epistemológica, que coloca o estudo do discurso em outro terreno, onde as questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito são pressupostos básicos para formulação de sua teoria. Neste contexto,

A lingüística, então, aparece como um horizonte para o projeto althusseriano da seguinte maneira: como a ideologia deve ser estudada em sua materialidade, a linguagem se apresenta como o lugar privilegiado em que a ideologia se materializa. A linguagem se coloca para Althusser como uma via por meio da qual se pode depreender o funcionamento da ideologia. (...) O projeto althusseriano, inserido em uma tradição marxista que buscava apreender o funcionamento da ideologia a partir de sua materialidade, ou seja, por meio das práticas e dos discursos dos AIE, via com bons olhos uma Lingüística fundamentada sobre bases estruturalistas. Mas uma Lingüística saussureana, uma Lingüística da língua, não seria suficiente; só uma teoria do discurso, concebido como o lugar teórico para o qual convergem componentes lingüísticos e socioideológicos, poderia acolher este projeto (MUSSALIM, 2001, p.104-105).



A Lingüística se instaura, dessa forma, com toda força sob a égide de uma filosofia marxista e Pêcheux, um dos principais protagonistas, inscreve a significação em um plano relevante onde o sujeito e os sentidos ganham lugar de destaque sob a ótica de uma concepção histórica e ideológica. Propõe, dessa forma, uma semântica do discurso, ao invés de uma semântica lingüística, para onde convergem componentes socioideológicos, já que as condições sócio-históricas de produção de um discurso são constitutivas de suas significações.

Maingueneau (apud MUSSALIM 2001) destaca que o campo da Lingüística, de maneira bem esquemática, opõe um núcleo “rígido” a uma periferia de contornos instáveis, que está em contato com a Sociologia, Psicologia, História, Filosofia etc. O núcleo rígido se ocupa do estudo da língua como se ela fosse apenas um conjunto de regras e propriedades formais, ou seja, não considera a língua como se ela fosse apenas um conjunto de regras e propriedades formais, ou seja, não considera a língua enquanto produzida em determinadas conjunturas históricas e sociais. A outra região, de contornos instáveis, ao contrário, “se refere à linguagem apenas à medida que esta faz sentido para sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em posições sociais ou em conjunturas históricas”. A Análise do Discurso, dessa forma, pertence a esta última visão.

E Bakhtin não ficou alheio aos acontecimentos históricos e sociais que marcaram a episteme lingüística. Há uma máxima popular que diz que “o homem é mais filho de sua época do que de seus próprios pais”. E Bakhtin não fugiu à regra. Influenciado pelo marxismo de Marx⁴, Bakhtin ultrapassou a barreira do signo, enquanto unidade presa a uma estrutura interna, dando ao mesmo uma natureza dialética. Segundo Faraco (2006), há muitas discussões acerca das relações entre Bakhtin e o marxismo. Todavia, ele destaca que não só Bakhtin, mas o Círculo⁵ a que pertencia, deixavam pistas dessa estreita ligação. Ressalta, ainda, que, em um dos livros atribuídos a Bakhtin (VOLOCHINOV), esta presença é mais forte: *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Afirma que “ao que tudo indica – isto é, pelo que se pode inferir dos textos assinados por ele e pelas informações biográficas de que dispomos (embora ainda bastante

⁴ Para saber mais sobre esse grande pensador, sugerimos a leitura de ARON, **Raymond**. *As Etapas do Pensamento Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

⁵ Bakhtin pertenceu a um Círculo de estudos denominado de Círculo de Bakhtin. Conforme Faraco (2006), há um mistério na autoria dos escritos desse grupo. Grosso modo, trata-se de um grupo de intelectuais que se reuniu regularmente de 1919 a 1929. Havia entre eles uma paixão pela filosofia e pelo debate de idéias. Somado a isso, mergulharam fundo nas discussões de filósofos do passado, sem deixar de se envolver criticamente com autores de seu tempo.



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

precárias) – Bakhtin não vinculava seu pensamento a uma arquitetônica que se pudesse classificar de marxista” (FARACO, op. cit. p. 28). Todavia, enfatiza que

Seus textos – quer ao formularem críticas, quer ao darem corpo a suas próprias propostas – estão sempre atravessados por duas linhas argumentativas complementares: um compromisso com a cientificidade do discurso (o que estava claramente em questão era a construção de teorias de natureza científica para os problemas sob enfrentamento – atitude plenamente coincidente com as pretensões científicas do próprio marxismo) e uma cobrança de rigor metodológico de qualquer proposta que se apresentasse como de inspiração marxista. Segundo eles, eram incompatíveis com o pensamento marxista quaisquer propostas que não respeitassem suas premissas de base: o materialismo, o monismo metodológico, o caráter social e histórico de todas as questões humanas (FARACO, op. cit. p. 28).

Dessa forma, Bakhtin dá aos estudos lingüísticos uma outra perspectiva, tendo a língua também como um fato social, mas não descarta o que lhe é exterior, ao contrário, parte da concepção de que tudo o que é signo é ideológico por natureza, ou seja, a linguagem, por si só, presa a uma cadeia ou estrutura interna, não é cabível para esta teoria, vez que ela nasce de um seio social, pois quem fala materializa um discurso a partir de um senso de pertencimento a um grupo ou classe social, dando-lhe sentido. Eis aí a língua enquanto instrumento de inclusão. “E o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quanto contextos possíveis” (BAKHTIN, 1997, p.106).

E, para ratificar a linguagem enquanto categoria intrinsecamente ligada ao histórico, cultural e social, Bakhtin traz à baila uma outra que se torna o elo para qualquer discussão que considera a língua um processo e não um produto: a ideologia. Esta, oriunda de Marx, conforme Miotello (2007), é trabalhada não como algo pronto e já dado ou vivendo apenas na consciência individual do homem, mas inserem essa questão no conjunto de todas as outras discussões filosóficas, que tratam de forma concreta e dialética, como a constituição dos signos, ou a questão da constituição da subjetividade.

É importante lembrar que o próprio Marx (BOTTOMORE, 2001) tratou a ideologia, em diferentes momentos históricos, sob enfoques diferenciados. Todavia, sucintamente, depreende-se o conceito de formas “invertidas” de consciência e existência material dos homens, referindo-se a uma distorção do pensamento que nasce das contradições sociais e as oculta.

Miotello (op. cit. p.168) ressalta, ainda, que Bakhtin e os demais membros do Círculo vão além da visão marxista, vez que destroem e reconstroem parte da concepção então existente



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

– “ideologia como “falsa consciência”, vista como disfarce e ocultamento da realidade social, escurecimento e não-percepção da existência das contradições e da existência das classes sociais, promovida pelas forças dominantes, e aplicada ao exercício legitimador do poder político e organizador de sua ação de dominar e manter o mundo como é”– pois colocam ao lado da ideologia oficial a do cotidiano, considerada como a que brota dos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida.

Ideologia e signo, portanto, caminham lado a lado, o segundo não existe sem o primeiro e vice-versa. É o próprio Bakhtin (1997, p. 31) quem diz:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signo não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia. No entanto, todo corpo físico pode ser percebido como símbolo (...) E toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar, numa certa medida, uma outra realidade.

Por conta desse diálogo entre a linguagem e realidade, desse movimento, já que “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial e é assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN, 1997, p.95), o pensador cria outras categorias que vão se tornar básicas para compreensão de sua teoria: a polifonia e dialogia. Estas são de extrema relevância para ratificar a língua enquanto instrumento de inclusão social. Isto porque, evidencia o quanto o sujeito não é dono do seu dizer, ele dialoga com outras vozes que atravessam seu discurso. Logo, não há discurso monologizante. É provável que só um homem tenha sido capaz de fazer esse monólogo, não tinha história ou tampouco foi oriundo de um seio social, já nasceu pronto e não dialogou com outro, pois o outro não existia. Também não era possível passar uma imagem ou fazê-la do outro: trata-se do Adão mítico.

Consoante Bezerra (2007), sucintamente, o dialogismo é um procedimento que constrói a imagem do homem num processo de comunicação interativa, no qual eu me vejo e me



TRAVESSIAS 07 ISSN 1982-5935
 revistatravessias@gmail.com

reconheço através do outro, na imagem que o outro faz de mim. Por sua natureza, o eu não pode ser solitário, um eu sozinho, pois só pode ter vida real em um universo povoado por uma multiplicidade de sujeitos interdependentes e isônomos. Assim como eu me projeto no outro, o outro se projeta em mim. É a multiplicidade do eu.

Por outro lado, grosso modo, a Polifonia se define pela convivência e pela interação de uma multiplicidade de vozes e consciências, oriundas dos mais diferentes espaços sociais e discursos. E estas são constitutivas do sujeito discursivo. Vale ressaltar que Bakhtin alerta que cada indivíduo tem um auditório social próprio bem estabelecido, em cujas atmosferas se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc.. E destaca, além disso, que quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mesmo que o interlocutor não possa ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas.

Nessa esteira de pensamento, é perceptível que, para haver dialogia e polifonia, é necessária a presença do interlocutor que lança mão da palavra, ferramenta que existe em uma espécie de estoque social, determinada pelas relações concretas. Logo, “toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte” (BAKHTIN, 1997, p.113).

Portanto, é evidente o quanto Bakhtin prima pela interação social entre linguagem e realidade. A primeira só se constitui de significação mediante a segunda. O exterior está no interior e a recíproca é verdadeira, sem nenhum subjetivismo exacerbado, já que a preponderância reside no exterior. É o próprio Bakhtin (p.127) quem lembra:

O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo. (...) A enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística.



Diante do que foi exposto, verificamos que a Lingüística do Século XX, como em nenhum outro momento, estabeleceu paradigmas teórico-metodológicos de suma importância que marcaram não só a própria Ciência, mas outras que dialogavam ou passaram a dialogar com os discursos oriundos daquela. A epistemologia lingüística do período em questão foi construída com eficácia e profundidade. Entre tantos nomes relevantes nessa arena social, dois se destacaram: de um lado, o responsável pela sua constituição, enquanto Ciência, tendo a língua como seu objeto de estudo; por outro, Bakhtin – um grande pensador que, assim como o primeiro, influenciou toda uma geração de lingüistas e estudiosos, instituindo a língua como geradora de um caráter interativo, dada a presença de um sujeito histórico e social.

Vale ratificar, ainda, que Bakhtin contribuiu de maneira significativa para que, no Brasil, nos anos 80, uma nova concepção de língua viesse iluminar o ensino de Língua Portuguesa, vez que a língua passou a ser concebida sob uma dimensão interativa⁶.

Assim, com todas as suas peculiaridades, o caminho trilhado entre a Língua e o Discurso é cada vez mais instigante e provocador, desencadeando o anseio de continuar a descortinar o desconhecido. Todavia, foi possível a apreensão de que a linguagem tem atravessado barreiras para se constituir e ser reconhecida numa e como dinâmica social, rompendo, dessa forma, a visão de língua enquanto exclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: **Bakhtin: conceitos-chave**. (Org.) Beth Brait. São Paulo: Contexto, 2007.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- DURKHEIM, E. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba-PR: Criar Edições, 2006.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga da A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

⁶ Ver GERALDY, João Vanderley. O texto em sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.



GUIMARÃES, Eduardo. **Os Limites do Sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas-SP: Pontes, 2005.

LYONS, Jonh. **As idéias de Chomsky**. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1970.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: **Bakhtin: conceitos-chave**. (Org.) Beth Brait. São Paulo: Contexto, 2007.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. Fernanda Mussalim, Anna Christina Bentes (orgs.). São Paulo: Cortez, 2001. V.2.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2000.

VOESE, Ingo. Da língua ao Discurso. In: **Análise do Discurso e o Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2004.